

IX ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

Diretoria - CONPEDI

Presidente - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

Diretor Executivo - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

Vice-presidente Norte - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

Vice-presidente Centro-Oeste - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

Vice-presidente Sul - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

Vice-presidente Sudeste - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

Vice-presidente Nordeste - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

Representante Discente: Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

Conselho Fiscal:

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

Secretarias

Relações Institucionais:

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

Comunicação:

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

Relações Internacionais para o Continente Americano:

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

Relações Internacionais para os demais Continentes:

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

Educação Jurídica

Profa. Dra. Viviane Coêlho de Séllos Knoerr - Unicuritiba - PR

Prof. Dr. Rubens Beçak - USP - SP

Profa. Dra. Livia Gaigher Bosio Campello - UFMS - MS

Eventos:

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

Comissão Especial

Prof. Dr. João Marcelo de Lima Assafim - UFRJ - RJ

Profa. Dra. Maria Creusa De Araújo Borges - UFPB - PB

Prof. Dr. Antônio Carlos Diniz Murta - Fumec - MG

Prof. Dr. Rogério Borba - UNIFACVEST - SC

D597

Direito, arte e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização CONPEDI

Coordenadores: Iara Pereira Ribeiro; Marcelo Campos Galuppo; Ricardo Marcelo Fonseca – Florianópolis: CONPEDI, 2026.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5274-596-5

Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações

Tema: Constituição, Processo e Justiça Social: o papel da jurisdição constitucional na efetivação de direitos

2. Direito. 3. Arte e literatura. IX Encontro Virtual do CONPEDI (2: 2026: Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



Conselho Nacional de Pesquisa
e Pós-Graduação em Direito Florianópolis
Santa Catarina – Brasil
www.conpedi.org.br

IX ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI

DIREITO, ARTE E LITERATURA

Apresentação

No cenário acadêmico brasileiro, o jurista vem cada vez mais tomando consciência de que a esfera jurídica tem uma tal complexidade que demanda, para a sua adequada compreensão, que se leve em consideração a profunda historicidade do direito, bem como as suas relações com a esfera da arte e da literatura.

Depois de tanto tempo embriagado seja por concepções principiológicas que inevitavelmente remetiam a uma esfera atemporal ou seja por concepções formalistas que sobrepunham critérios abstratos à riqueza do mundo empírico, agora, finalmente, parece que os estudos jurídicos brasileiros estão se dando conta da inevitabilidade do olhar diacrônico e aberto a outras sensibilidades. Isso implica em novas atitudes diante do nosso campo: olhar para trás, ver o caminho trilhado, localizar-se nas longas e tortuosas sendas do jurídico, deixar as concepções metafísicas para trás, colocar os pés no chão, estar atento à inesgotável e surpreendente riqueza da empiricidade e das pontes que o mundo das artes em geral pode fazer com o direito.

Trata-se de uma boa notícia: o cenário jurídico brasileiro está em rápida transformação. Ao invés de confirmar e ratificar o direito vigente, a disciplina da história do direito passa a ter mais a função de “estranhamento” com o passado (talvez também pelas difusas influências do saber antropológico), de uma relativização dos percursos no tempo. Assim, a relação com o presente também é diferente: embora seja um ponto de chegada (ou de partida...) inevitável, o conhecimento histórico-jurídico tem muitas vezes a função de criticar e desdogmatizar as opções do direito presente, mostrando sua contingência e sua precariedade. Nesta outra ponta, portanto, a história do direito se mostra claramente como uma disciplina crítica. Para

analisados: como um retrato deste processo de consolidação e amadurecimento de olhares novos e como sintoma da pujança de um ímpeto em olhar o fenômeno jurídico com lentes renovadas.

A ESPINHA DORSAL DE MACONDO: ÚRSULA IGUARÁN E A ARQUITETURA DO CUIDADO NA AMÉRICA LATINA

THE MACONDO'S BACKBONE: ÚRSULA IGUARÁN AND THE ARCHITECTURE OF CARE IN LATIN AMERICA

Karini Luana Santos Pavelquesi ¹
Liana Raimundo De Lima Lourenço ²

Resumo

Este trabalho analisa a personagem Úrsula Iguarán, da obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, como representação da arquitetura do cuidado e do trabalho reprodutivo feminino na América Latina. A pesquisa investiga de que maneira a trajetória da matriarca da família Buendía evidencia a invisibilização histórica do trabalho doméstico e de cuidado, socialmente atribuído às mulheres e frequentemente naturalizado como expressão de afeto, obrigação moral ou vocação feminina. A partir de uma abordagem interdisciplinar entre literatura, sociologia e teoria feminista, o estudo estabelece diálogo com autoras como Silvia Federici, Helena Hirata, Heleieth Saffioti, Nancy Fraser, Rita Segato e Lélia Gonzalez. Além da análise do romance, o trabalho propõe aproximações entre a realidade ficcional de Macondo e as dinâmicas sociais latino-americanas contemporâneas, especialmente no que se refere à divisão sexual do trabalho, à dupla jornada feminina e à colonialidade de gênero. Discute-se, ainda, como raça, classe e gênero atuam conjuntamente na manutenção da exploração do trabalho reprodutivo não remunerado. Conclui-se que a estabilidade da família Buendía depende diretamente do trabalho invisível desempenhado por Úrsula, permitindo compreender o cuidado como elemento central para a sustentação das estruturas familiares, econômicas e sociais latino-americanas.

Palavras-chave: Cuidado, Invisibilidade, América-latina

Abstract/Resumen/Résumé

This paper analyzes the character Úrsula Iguarán, from Gabriel García Márquez's *One*

literature, sociology, and feminist theory, the research engages with authors such as Silvia Federici, Helena Hirata, Heleieth Saffioti, Nancy Fraser, Rita Segato, and Lélia Gonzalez. Beyond the literary analysis, the paper establishes parallels between the fictional reality of Macondo and contemporary Latin American social dynamics, particularly regarding the sexual division of labor, women's double workday, and gender coloniality. It also discusses how race, class, and gender interact in sustaining the exploitation of unpaid reproductive labor. The study concludes that the stability of the Buendía family depends directly on the invisible labor performed by Úrsula, allowing care work to be understood as a central element in sustaining Latin American family, economic, and social structures.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Care, Invisibility, Latin america

INTRODUÇÃO

A literatura latino-americana contemporânea tem se mostrado um poderoso instrumento de interpretação e denúncia de nossas fraturas históricas, econômicas e sociais, como o colonialismo, a escravização, e a divisão sexual do trabalho, por exemplo. Na literatura brasileira, encontramos, sem esforço, tais elementos nas obras, *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus (2020), *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo (2018), *Um defeito de cor*, de Ana Maria Gonçalves (2006), e outras.

Em *Cem anos de solidão*, obra-prima do escritor colombiano Gabriel García Márquez (2025), vemos a história da América Latina por meio da saga de sete gerações da família Buendía, cujo patriarca, José Arcádio Buendía, fora responsável pela fundação da ficcional cidade de Macondo, cidade que passa, posteriormente, por processos que se assemelham a processos de imperialismo, guerra, violência política, industrialização precária, visando a exploração, até ser tomada por pobreza e dificuldades sociais ao ponto de se tornar só mais uma cidade como qualquer outra e, finalmente, “sumir do mapa” a partir de um evento climático inesperado.

A despeito de tais elementos, o que se pretende aprofundar é o trabalho de reprodução social, ou “produção do viver”, na definição de Helena Hirata (2022), exercido por Úrsula Iguarán durante seus mais de cem anos de vida na obra de Gabriel García Márquez. Tal definição diz respeito ao trabalho, exercido predominantemente por mulheres, na reprodução de vida: gerar, cuidar, ensinar, educar, alimentar, vestir, limpar, etc. Esse trabalho, realizado especialmente no seio doméstico e intrafamiliar, pode ser definido, também, como “trabalho feminino não remunerado”.

Destaca-se, no entanto, que não se pretende aduzir que a intenção do autor era a de reafirmar o lugar da mulher na sociedade, mas sim o de demonstrar, por meio da ficção, o reflexo do trabalho exercido pelas mulheres na América Latina, esquecido em um lugar chamado “trabalho feito por amor”, mas que representa o alicerce da sociedade e do próprio capitalismo, já que funciona como uma engrenagem do sistema (Federici, 2021).

No centro da questão reprodutiva, ou seja, dos trabalhos de cuidado “gratuitos” em Macondo, situa-se Úrsula Iguarán, a matriarca da estirpe Buendía, caracterizada por sua longevidade secular (estima-se que a matriarca tenha vivido para além de cem anos, na obra) e por seus nervos “inquebrantáveis” (Márquez, 2025, p. 15), enquanto os homens Buendía se afastam da vida doméstica em guerras, experiências alquímicas, vícios ou relações passageiras, Úrsula permanece responsável pela manutenção concreta da casa e da família, garantindo a alimentação, o vestuário, a expansão física do lar, conforme a família crescia, e os ensinamentos

da comunidade. Essa dinâmica que se vê nos trabalhos e responsabilidades desempenhados por Úrsula permite cunhar a categoria analítica da "arquitetura do cuidado", entendida aqui como a estrutura socioeconômica e cultural que delega às mulheres o encargo de um cuidado que é gratuito e invisibilizado por não ser entendido como trabalho, e sim como obrigação, afeto, vocação natural ou divina. A arquitetura do cuidado é, portanto, toda a lógica que funciona “por trás” do trabalho de cuidado e da reprodução do viver, e diz respeito não somente aos filhos dessas mulheres que geram, mas de toda a dinâmica do cuidado e administração do lar.

As mulheres estão comumente inseridas nessa “arquitetura”, sendo as “cuidadoras naturais” de toda a família (crianças, enfermos e idosos), mas sendo também responsáveis pela educação, pelo asseio, e todo o universo da criação e do cuidado com pessoas e o lar.

A invisibilização do trabalho exercido pelas mulheres dentro dessa “arquitetura do cuidado” as coloca à margem da economia. Em absoluta contradição, é o próprio sistema quem se beneficia de tais trabalhos, uma vez que se aproveita deles, mas sem remunerá-los ou considerá-los sequer para fins previdenciários ou assistenciais, afastando, dessas mulheres, os direitos fundamentais, sendo que, no Brasil, estes estão elencados no art. 5º da Constituição Federal de 1988.

Assim, ao mascarar o trabalho que efetivamente é exercido em toda a reprodução social e chamá-lo de amor, vocação, ou obrigação, a estrutura patriarcal-capitalista desonera o Estado e o mercado dos custos de manutenção e regeneração da força de trabalho.

Diante de tais aspectos e conceituações iniciais, busca-se, com esta pesquisa, utilizar a personagem Úrsula como um modelo explicativo para investigar as dinâmicas do cuidado não remunerado na América Latina, traçando paralelos analíticos diretos com a estrutura familiar e social brasileira e propondo uma reflexão acerca do papel socialmente definido para a mulher e como as mulheres são afetadas e empobrecidas a partir dessa sistemática.

Dessa maneira, estabelecendo um diálogo crítico com um conjunto robusto de intelectuais feministas e pensadores sociais, a presente pesquisa busca responder ao seguinte questionamento: de que maneira a representação literária de Úrsula em *Cem anos de solidão* funciona como um modelo explicativo para decifrar a "arquitetura do cuidado" na América Latina, e como o trabalho reprodutivo não remunerado e invisibilizado, estruturado pela interseccionalidade entre gênero, raça e classe, atua como base invisível do sistema capitalista e patriarcal?

O estudo da arquitetura do cuidado em Macondo é, portanto, um exercício necessário para evidenciar os mecanismos invisíveis que sustentam a sobrevivência das comunidades latino-americanas frente ao desmantelamento econômico e social, cuja consequência é a

manutenção das mulheres em lugares de menor prestígio, o seu empobrecimento e invisibilidade, em especial quando se discute os aspectos de raça e classe. Ao fim, busca-se demonstrar que o romance sugere que a estabilidade da família Buendía depende, em grande medida, do trabalho doméstico e emocional realizado por Úrsula, sendo este um trabalho invisível e que continua a sustentar o modo de produção capitalista, sistema do qual as maiores vítimas são, justamente, as mulheres. Busca-se, também, evidenciar que, para cada família latino-americana, há uma Úrsula desprovida de assistência social, de direitos básicos e que figura em condição de invisibilidade para a economia e para o sistema previdenciário.

2. A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO EM MACONDO

“Divisão sexual do trabalho” é uma expressão que se popularizou a partir de uma concepção socialmente aceita de que há tarefas que são masculinas e outras que são femininas. Trata-se de uma aceção que encontra, até os dias atuais, seus adeptos e defensores, sendo, inclusive, base para movimentos que buscam ratificar tradições patriarcais, como o movimento “*tradwife*”¹, por exemplo.

Segundo a divisão sexual do trabalho, os trabalhos entendidos como trabalhos de cuidado são trabalhos dedicados às mulheres, que possuem o “dom” ou a designação natural, divina, do cuidado. A lógica é simplória: se à mulher foi dada a incumbência biológica de gerar e amamentar, logo, é ela quem se vê envolvida em todo o processo de reprodução do viver. Enquanto isso, o mito do “homem das cavernas”, caçador e provedor “por natureza”, se materializa a partir da concepção de que, ao homem, é dada a “polis”, enquanto à mulher é dada a “casa” (Melo; Thomé, 2018).

Ainda, a divisão sexual do trabalho caminha no sentido de hierarquizar os trabalhos, conferindo aos masculinos maior valor em relação aos femininos. Helena Hirata (2022), em sua análise comparativa entre Brasil, França e Japão, observou que trabalhos tipicamente femininos, quando tendem a uma inversão, isto é, quando passam a ter mais homens que mulheres, passam a ser valorizados, enquanto o contrário também ocorre: trabalhos tidos como masculinos, quando passam a receber mais mão de obra feminina, se desvalorizam.

Essa organização social do trabalho foi naturalizada por muitas das mitologias e religiões e, dado o alcance das religiões nas sociedades, em especial as subdesenvolvidas, a inferioridade feminina fora sacramentada (Melo; Thomé, 2018).

¹ Nota explicativa: A tradução dessa expressão, do inglês para o português, corresponde a “esposa tradicional”, sendo tal movimento caracterizado pela esposa que abdica de estudos e carreira profissional para se dedicar, de forma exclusiva, às tarefas de “ser esposa” e de “ser mãe”.

Não obstante, a história, sempre escrita, narrada e contada a partir de uma perspectiva masculina (já que as mulheres estiveram afastadas dos ambientes político e acadêmico por séculos), fortalece a divisão do trabalho a partir do sexo, sendo que tal divisão é sentida de forma mais intensificada quando falamos de mulheres racializadas e de classes sociais desfavorecidas.

Em Macondo, essa organização social do trabalho se expressa de forma evidente quando se analisa o tipo de atividade na qual estavam envolvidos os homens da ficção. Embora seja inegável a sua contribuição para o estabelecimento da fictícia cidade, bem como a expansão comercial e a realização de negócios, facilmente se deixavam levar por guerras civis, vícios, expedições, alquimias e outras “loucuras”. Enquanto isso, as mulheres se mantinham encarregadas de cuidar de tudo o que já havia para cuidar e, também, daquilo que os homens Buendía deixavam para trás quando se envolviam com alguma tarefa não produtiva (inclusive alguns filhos “pelo caminho”).

Ainda assim, boa parte do que os homens Buendía faziam era visto com bons olhos pela comunidade. A alquimia e a ciência (embora sem nenhum propósito palpável e sem nenhum retorno real para a comunidade) eram atividades prestigiosas. Ir à guerra inseria os Buendía em uma posição de absoluto respeito, ainda que perdessem todas elas (Coronel Aureliano foi à guerra 32 vezes e foi derrotado nas 32 campanhas militares). Úrsula, por sua vez, embora vista como uma mulher forte e sábia, não era fonte de adoração por parte da comunidade, dado o caráter invisível das tarefas que desempenhava, o que ocorre nos lares latino-americanos até a atualidade. Administrar e gerir uma casa e/ou uma família nunca foi tarefa admirada. Aliás, ainda hoje muitos não enxergam essas atividades como sendo algo além de obrigação feminina ou “designação natural”.

A organização social do trabalho em Macondo, portanto, estabelece-se de modo dicotômico desde o momento de sua fundação. Conforme as formulações teóricas de Helena Hirata (2007, 2022), a divisão sexual do trabalho não se reduz a uma simples distribuição de tarefas biológicas, mas constitui uma relação social de poder estruturada sob dois princípios incontornáveis: o princípio de separação (trabalhos “de homens” e trabalhos “de mulheres”) e o princípio de hierarquia (o trabalho do homem tem maior valor social do que o trabalho da mulher). Essa acepção é visível na obra ficcional comentada, conforme dito no parágrafo anterior: as atividades nas quais se envolviam os homens Buendía eram atividades vistas pela comunidade como importantes. Já as atividades femininas da família, concentradas principalmente na figura de Úrsula, não eram objeto de qualquer menção de honra.

Assim, essa assimetria é evidenciada pelas tarefas desempenhadas por José Arcadio Buendía e Úrsula Iguarán, que dão origem à estirpe dos Buendía. José Arcadio consome seus dias encerrado no laboratório de alquimia, dedicando-se à decifração dos pergaminhos de Melquíades (um personagem mítico) e à realização de experimentos com imãs e lunetas, atividades que, embora destituídas de utilidade prática direta para o sustento familiar, gozam de extraordinário prestígio e autoridade moral dentro da residência e aos olhos da comunidade. Em oposição a esse isolamento, Úrsula assume a responsabilidade absoluta pela materialidade cotidiana da existência familiar. É ela quem supervisiona a construção e expansão da habitação, limpa os espaços comuns, prepara o alimento diário, assegura a educação inicial das crianças, cuida dos filhos de seus filhos, e busca soluções pragmáticas para contornar a fome que espreita o lar devido à negligência econômica do marido.

Essa oposição entre o labor intelectual-produtivo masculino e o trabalho prático-reprodutivo feminino ilustra a violência simbólica descrita pelo sociólogo Pierre Bourdieu (2023). A dominação masculina impõe-se como uma ordem naturalizada que prescreve às mulheres o confinamento e o sacrifício pessoal como virtudes inerentes ao seu sexo (Bourdieu, 2023). O silêncio que envolve o esforço de Úrsula é típico dessa dinâmica: sua atividade não é reconhecida como um vetor econômico estruturante (“espinha dorsal”), mas sim como um fluxo de serviços naturais, comparável ao ciclo das estações ou ao crescimento das plantas. É dessa maneira que os espaços domésticos foram historicamente convertidos em espaços de um trabalho ininterrupto e invisibilizado, que raramente é visto como um trabalho que sustenta a sociedade. No entanto, se pararmos para pensar que, sem a reprodução feminina o mundo entrará em colapso, não é difícil chegar à conclusão de que o trabalho feminino é, de fato, aquele que sustenta o sistema de produção do capital.

É significativo que os feitos militares do Coronel Aureliano, um dos filhos de Úrsula, sejam narrados como eventos memoráveis da história de Macondo, enquanto o trabalho cotidiano de Úrsula raramente recebe o mesmo reconhecimento. Para ilustrar essa afirmação, relembremos que o Coronel Aureliano teve dezessete filhos, cada um com uma mulher diferente. Isso porque era um feito memorável deitar-se e reproduzir-se com um nome tão importante da guerra, de modo que, conforme a narrativa, as mulheres pareciam se interessar pelo Coronel exatamente pela posição de importância que ele ocupava. No entanto, sabe-se que os trabalhos reprodutivos dos dezessete filhos ficaram ao encargo solitário de dezessete mães ou avós e que, em sua ausência, provavelmente recairiam aos cuidados de Úrsula, tal qual ocorrera com os personagens Rebeca e Arcádio, ambos entregues aos seus cuidados.

Essa relação de cuidado é cotidiana na vida brasileira e latino-americana. São as mulheres da família que cuidam: as mães, as avós, as tias, as irmãs, que abdicam de suas vidas, carreiras e estudos para exercer um ofício árduo e sem retorno social ou financeiro.

Assim, enquanto Úrsula permanece relegada ao pano de fundo da narrativa familiar, atuando como o suporte indispensável para que as expedições masculinas possam se desdobrar, os homens da estirpe Buendía entram para a história local como heróis fundadores, cientistas obstinados ou líderes militares revolucionários.

Úrsula não apenas providencia o pão cotidiano; ela gerencia as crises existenciais de seus descendentes, acolhe os filhos de seus filhos e os filhos de seus netos, e resgata os corpos de seus familiares das consequências trágicas de suas próprias ambições inconsequentes. Assim, reforça-se que o trabalho de cuidado engloba não apenas a dimensão material do fazer doméstico e familiar (limpar, cozinhar, lavar), mas também a gestão emocional e psíquica dos indivíduos sob custódia e a administração do lar (expansão da casa, plantio, colheita) (Hirata, 2022).

3. A DUPLA JORNADA FEMININA: ÚRSULA E OS ANIMAIS DE CAMELO.

A exploração do trabalho de reprodução social pelo sistema de produção capitalista é analisada de maneira contundente pela filósofa feminista Silvia Federici em suas obras *O ponto zero da revolução* e *O patriarcado do salário* (2019, 2021). Federici argumenta que a desvalorização sistemática do trabalho doméstico desempenhado pelas mulheres foi uma precondição necessária para a acumulação primitiva de capital. Ao privatizar a esfera reprodutiva dentro do núcleo familiar e privá-la de remuneração e proteção social, o capitalismo logrou reduzir drasticamente o custo de manutenção da força de trabalho, convertendo a esfera doméstica em uma colônia econômica invisível de onde extrai força de trabalho ilimitada.

Ainda quando a mulher desenvolve trabalhos vistos, socialmente, como produtivos² fora do lar (ou seja, quando exerce uma atividade que lhe devolve renda), o trabalho realizado na esfera doméstica continua sendo, por ela, exercido. Quer dizer que dos trabalhos domésticos e de cuidado não remunerado, a mulher, ao passar a desempenhar uma atividade externa ao lar, não é desonerada das tarefas que desempenha dentro dele. A isso, as teorias feministas chamam de “dupla jornada”: uma jornada fora de casa, e outra dentro de casa, cujos desdobramentos não

² Nota explicativa: A atividade produtiva é vista socialmente como aquela que remunera. Assim, a atividade feminina desempenhada no seio do lar e dentro dos campos entendidos como “cuidado não remunerado” e “atividade Reprodutiva” é invisibilizada pelo sistema. Teóricas feministas, como Silvia Federici e Heleieth Saffioti, buscam desconstruir essa ideia e inserir, no campo do “produtivo”, também as tarefas desempenhadas por mulheres.

estão limitadas apenas ao cansaço físico e mental, mas também à consequente indisponibilidade de tempo feminino para aperfeiçoamento, estudos, ascensão profissional, etc.

A esse respeito:

Temos uma jornada de trabalho maior que a masculina quando se agregam os tempos de trabalho dedicados à produção de bens e serviços mercantis e os afazeres domésticos, tarefas que por “amor” (ou seja, sem remuneração), prestamos à família. (Melo; Thomé, 2018, p. 13).

No Brasil, o tempo dedicado pelas mulheres aos afazeres domésticos e/ou cuidado de pessoas, em 2022, foi de, aproximadamente, 21,3 horas semanais, enquanto os homens gastaram 11,7 horas. Em relação às mulheres brancas, as mulheres pretas ou pardas dedicaram 1,6 hora a mais por semana nessas mesmas tarefas (IBGE, 2022). Se pensarmos em uma jornada de trabalho semanal de 44h, podemos afirmar que a mulher branca labora, semanalmente, 65 horas, a mulher negra labora 67 horas, e o homem labora 55 horas.

No universo ficcional de García Márquez, a dupla jornada feminina é materializada por meio da implantação da empresa doméstica de doces de caramelo por Úrsula. Diante do iminente colapso financeiro da família, provocado pelo endividamento decorrente das obsessões de seu marido e pelo isolamento deste, que dedicava seu tempo à alquimia e outros devaneios, a matriarca assume a gestão de sobrevivência material do lar desenvolvendo a produção de doces (animais de caramelo), que logo se espalha pela região e mobiliza a economia local.

No entanto, as tarefas domésticas e de cuidado não remunerado, já há muito desempenhadas por Úrsula, não deixaram de existir, impondo, portanto, à matriarca, uma condição de dupla jornada de trabalho. O sucesso dos "animaizinhos de caramelo" não apenas reverte a decadência financeira dos Buendía, mas financia a expansão física da residência (em razão do crescimento constante da estirpe) e a aquisição de novos bens de consumo, como a famosa pianola. Assim, em que pese o sucesso dos doces de caramelo e algumas benfeitorias e aquisições graças a ele realizadas, o negócio não se traduziu em emancipação existencial para a matriarca, permanecendo, Úrsula, integralmente responsável pelos encargos domésticos e pela estabilidade da família.

É interessante observar que a renda feminina é, corriqueiramente, enxergada como uma “ajuda ao lar”, como um “complemento de renda” ou mesmo como uma maneira de prover uma “necessidade emergencial”, quase nunca sendo vista como uma fonte essencial de

independência e emancipação financeira próprias. Essa observação se conecta à dinâmica da atividade econômica dos animais de caramelo desenvolvida por Úrsula em Macondo, no entanto, Úrsula parece ser incapaz de se entender como força econômica ativa, dado ao fato de que mais parece encarar o negócio de doces como um desdobramento da obrigação de cuidar, funcionando como a espinha dorsal da estirpe, mais uma vez.

A respeito desse tema, Saffioti (2013, p. 73) menciona que:

Na sociedade de classes, o trabalho, a par de ser alienado enquanto atividade, gera um valor do qual não se apropria inteiramente o indivíduo que o executa, quer seja homem, quer seja mulher. **Esta, entretanto, se apropria de menor parcela dos produtos de seu trabalho do que o faz o homem** (grifos nossos).

Em Macondo, Úrsula encarna essa dedicação incondicional de forma quase mítica. Mesmo quando a perda progressiva da visão ameaça sua capacidade de ação diária, ela recusa-se a abdicar de suas funções. Úrsula desenvolve uma minuciosa cartografia mental da residência, decorando os sons dos passos de cada familiar, as oscilações de temperatura dos cômodos e o posicionamento preciso dos objetos domésticos para manter a ilusão de que continua perfeitamente funcional. Esse esforço desesperado para ocultar sua invalidez física e continuar cuidando da família e do lar ilustra a terrível exigência patriarcal que pesa sobre as mulheres latinas: a de que o cuidado deve ser exercido com tamanha perfeição e abnegação que sua execução pareça fluida e sem esforço, tornando-se perceptível apenas quando ocorre sua interrupção total.

4. O NÓ PATRIARCADO-RACISMO-CAPITALISMO E A COLONIALIDADE DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA

A socióloga marxista-feminista Heleieth Saffioti, em sua reflexão pioneira sobre a formação social do Brasil, teoriza que a dominação e a exploração das mulheres não podem ser interpretadas de forma isolada das relações de classe e das assimetrias raciais (Saffioti, 2013). A autora cunha a metáfora do "nó" para explicitar que o patriarcado, o racismo e o capitalismo constituem sistemas de opressão mutuamente determinantes e interligados (Saffioti, 2013), ideia que também é classificada como "interseccionalidade". Para a socióloga, a exploração econômica de classe não se sobrepõe simplesmente às discriminações de gênero e raça, mas sim o contrário: alimenta-se delas para estruturar a hierarquização do mercado de trabalho e a desvalorização do trabalho reprodutivo.

A formação histórica de Macondo, marcada por tensões patriarcais de origem castiça e pelo posterior assédio de forças imperialistas norte-americanas, ilustra essa conexão estrutural entre gênero, classe e capitalismo. Rita Segato complementa esse arcabouço conceitual por meio da teoria da colonialidade de gênero (Segato, 2012, 2016), e assevera que a invasão colonial das Américas não apenas impôs um regime de expropriação econômica, mas desarticulou os arranjos de gênero pré-existentes, substituindo o “patriarcado de baixa intensidade” das comunidades tradicionais (no qual as mulheres preservavam esferas próprias de poder e autonomia ritual) por um “patriarcado de alta intensidade” pautado pela lógica moderna e binária. Esse processo de domesticação forçada rebaixou a mulher à condição de minoridade jurídica, subordinando-a ao controle estatal e à autoridade do homem branco colonial (Segato, 2012).

Em *Cem Anos de Solidão*, a evolução histórica de Macondo reproduz essa transição descrita por Segato. Nos primórdios da aldeia, quando esta operava sob uma organização própria e isolada, Úrsula desfrutava de uma proeminência política e social considerável, atuando como conselheira dos chefes de família e intervindo diretamente no traçado urbanístico das ruas e na distribuição das terras. No entanto, à medida que a modernização penetra no território - sob a forma da burocracia estatal, dos aparatos militares comandados por governadores conservadores e liberais, da corrupção e, finalmente da exploração monopolista da multinacional bananeira -, o poder de influência política de Úrsula é abalado.

As esferas públicas de decisão passam a ser monopolizadas pelos homens e por estrangeiros imperialistas, enquanto as mulheres da família Buendía são empurradas para as margens da vida social, encerrando-se dentro da “sociedade doméstica”. O trabalho de Úrsula, que antes unia e sustentava toda a comunidade, virou um esforço solitário para proteger os seus da crueldade da violência do capitalismo e da tirania do imperialismo. Quando os massacres de trabalhadores bananeiros e as inundações artificiais promovidas pelo capital norte-americano devastam a infraestrutura econômica de Macondo, é a resistência silenciosa de Úrsula e seu acúmulo de recursos domésticos que evitam o extermínio biológico imediato da família. Nesse ponto, a leitura de Saffioti (2013) ajuda a compreender por que o trabalho de Úrsula permanece invisível, apesar de ser central para a sobrevivência da família: é que a exploração capitalista apoia-se sobre a capacidade reprodutiva das mulheres, extraindo delas a estabilidade necessária para continuar seus ciclos de acumulação, apropriação e destruição.

No contexto da formação histórico-cultural do Brasil, e pensando a colonialidade, Lélia Gonzalez formulou contribuições teóricas indispensáveis para demonstrar a cumplicidade entre o racismo estrutural e a exploração do trabalho feminino. Em seu célebre ensaio *Racismo*

e sexismo na cultura brasileira, Gonzalez aponta que a neurose cultural brasileira apoia-se sobre a dupla negação da mulher negra, cuja presença é simultaneamente hipervisibilizada como fetiche e invisibilizada como sujeito político (González, 2020).

Gonzalez recorre à psicanálise freudiana e lacaniana para decifrar a figura mítica da "mãe preta". Historicamente originada no período escravocrata, a mãe preta constitui o sujeito que amamenta, alimenta, educa e oferece afeto ao filho do colonizador senhorial, sendo-lhe delegada a própria transmissão da linguagem e dos afetos da cultura nacional. Todavia, essa dedicação compulsória e idealizada se sustenta a partir da desapropriação sistemática de suas próprias capacidades reprodutivas e do direito ao cuidado de seus próprios filhos. A “mãe preta” é expropriada de sua própria subjetividade para converter-se em um papel chave que viabiliza o conforto físico e psicológico da classe dominante branca (González, 2020).

No espaço ficcional de Macondo, essa dinâmica racializada de subalternidade doméstica manifesta-se por meio da incorporação dos índios guajiros, Visitación e Cataure, ao núcleo familiar dos Buendía. Fugindo de uma devastadora peste de insônia que assolava suas terras natais, os irmãos indígenas passam a residir na mansão familiar desempenhando as tarefas domésticas cotidianas sob as ordens de Úrsula. Embora o texto literário de García Márquez explore essa convivência com um tom frequentemente afetuosos e fraterno, o exame sociológico mostra a reprodução silenciosa de um direcionamento étnico-racial do trabalho. O cuidado de Macondo sustenta-se, em última instância, sobre o trabalho de sujeitos subalternizados pelo colonialismo, cujas línguas e saberes originais são progressivamente integrados e neutralizados no seio da cultura dos Buendía.

5. O PROBLEMA DO “CONFINAMENTO” FEMININO NO SEIO DOMÉSTICO

A transição dos arranjos tradicionais de cuidado para os modelos modernos de domesticidade burguesa em Macondo encontra sua representação mais evidente na figura da personagem Fernanda del Carpio. Vinda de uma família aristocrática arruinada do planalto colonial, Fernanda é inserida na casa dos Buendía após seu casamento com Aureliano Segundo, trazendo consigo uma concepção de domesticidade pautada pela rigidez doutrinária, pela obsessão pela pureza e pelo desprezo absoluto pelas práticas produtivas populares.

Uma das primeiras medidas de Fernanda ao assumir o comando da rotina doméstica consiste na extinção do negócio de doces de caramelo de Úrsula, atividade que ela rotula como indigna da linhagem da família. Essa representação nos faz questionar a problemática do confinamento feminino no âmbito doméstico. Enquanto os homens da família Buendía exploravam e cultivavam hobbies (ainda que estes jamais tenham trazido benefícios para a

família ou para a comunidade), há uma liberdade interessante que é atinente ao sexo masculino: o de cultivar interesses diversos. De outro lado, os interesses femininos comumente estão conectados a trabalhos que são extensão do trabalho de cuidado desempenhado no lar ou na família, ou, simplesmente, os interesses inexistem. A dificuldade feminina em se conectar a hobbies diversos se dá em razão de jornadas duplas de trabalho, que as isola do convívio social e as mantém reféns de uma domesticidade (Pereira, 2025).

A personagem Fernanda impõe à habitação uma rígida rotina de orações, rosários cronometrados e distanciamento higiênico dos vizinhos de Macondo, estabelecendo barreiras simbólicas que visam isolar o lar da dinâmica viva da comunidade, em aparente movimento classista. Úrsula, tendo seu negócio extinto, longe do convívio social e já não sendo a pessoa quem comanda o lar, teme perder completamente a sua utilidade. Esse processo de enclausuramento demonstra que o confinamento feminino no âmbito doméstico aprisiona a mulher condiciona a sua existência a um movimento cíclico de cuidado e invisibilidade.

A violência material desse isolamento de gênero e classe é escancarada quando contrastada com a vivência de Carolina Maria de Jesus em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (2020). Carolina, mulher negra, favelada e mãe solo na São Paulo dos anos 1950, apresenta em seus escritos a antipatia quanto a qualquer romantização do lar ou da domesticidade. Em seu diário, o cuidado não se assenta sobre a preservação de rituais religiosos ou a manutenção de louças finas, mas traduz-se em uma luta diária e violenta pela sobrevivência biológica de seus filhos contra a fome. Os trechos abaixo denotam a luta pela escritora contra a fome³:

[...] De manhã o padre veio dizer missa. Ontem ele veio com o carro capela e disse aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre quem há de ter filhos - se filhos de pobre tem que ser operario?

Na minha fraca opinião quem deve ter filhos são os ricos, que podem dar alvenaria para os filhos. E eles podem comer o que desejam.

Quando o carro capela vem na favela surge vários debates sobre religião. As mulheres dizia que o padre disse-lhes que podem ter filhos e quando precisar de pão podem ir buscar na igreja.

Para o senhor vigario, os filhos de pobres criam so com pão. Não vestem e não calçam. (Jesus, 2020, p. 132)

³ Nota explicativa: O livro foi publicado com a escrita original de Carolina Maria de Jesus, que continha desvios gramaticais, tendo sido reproduzidos os trechos das páginas 132 e 161 exatamente como foram escritos pela autora.

[...]

Comecei a queixar para a Dona Maria das Coelhas que o que eu ganho não dá para tratar os meus filhos como se devem. Eles não tem roupas, nem o que calçar. E eu não paro um minuto. Cato tudo que se pode vender e a miséria continua firme ao meu lado.

Ela disse-me que já está com nojo da vida. Que não vê a hora de morrer.

Ouvi seus lamentos em silêncio e disse-lhe:

-Nós já estamos predestinados a morrermos de fome! (Jesus, 2020, p. 132)

[...]

Hoje não temos nada para comer. Queria convidar meus filhos para suicidar-nos. Desisti. Olhei meus filhos e fiquei com dó. Eles estão cheios de vida. Quem vive, precisa comer. Fiquei nervosa, pensando: será que Deus esqueceu-me? Será que ele ficou de mal comigo? (Jesus, 2020, p. 161)

Carolina Maria de Jesus representa a mulher latino-americana sob o aspecto da incumbência intrínseca com o cuidado, o qual desempenha por meio da coleta de papelão e ferro-velho nos resíduos descartados pela metrópole paulistana, sempre em busca de evitar que seus filhos, e ela mesma, passassem fome, revelando que, para as mulheres periféricas do Sul global, o trabalho produtivo informal e o labor reprodutivo fundem-se em um único circuito de exaustão extrema. Não há "quarto de despejo" que se isole da violência do capital. Como assinala Saffioti (2013), a ideologia da domesticidade burguesa é uma ficção inacessível para as mulheres das classes subalternizadas, que são impelidas a expor seus corpos à crueza da rua para garantir o sustento mínimo de seus dependentes, operando em condições de total desamparo social. O contraste entre Fernanda del Carpio e Carolina Maria de Jesus descortina o caráter de classe que cinde a arquitetura do cuidado: enquanto uma se aliena na pureza estéril do lar, a outra é exposta ao lixo e à fome.

6. A CRISE DA REPRODUÇÃO SOCIAL NO CAPITALISMO FINANCEIRIZADO: DA CEGUEIRA DE ÚRSULA AO VENTO APOCALÍPTICO

A filósofa e teórica feminista Nancy Fraser argumenta que as sociedades contemporâneas atravessam uma das crises mais severas da história do capitalismo: a crise da reprodução social. Segundo Fraser (2023), o capitalismo financeirizado contemporâneo opera de forma predatória sobre os sistemas de suporte social, promovendo um ataque sistemático aos serviços públicos de assistência, saúde e educação por meio de políticas de austeridade fiscal. Ao mesmo tempo em que o mercado exige a inserção irrestrita das mulheres na força de trabalho

assalariada, o sistema desonera-se do aparato necessário para acolher seus dependentes (crianças, enfermos e idosos), empurrando as famílias para um abismo de carência de tempo e esgotamento psíquico.

Esta dinâmica de exaustão encontra uma metáfora literária precisa no processo de envelhecimento e morte de Úrsula. Durante as últimas décadas de sua vida centenária, Úrsula vai gradualmente se reduzindo a uma figura infantilizada e ressecada, que passa os dias esquecida nos cantos da imensa casa Buendía. Com sua morte física, encerra-se o fluxo vital que unia e protegia as diferentes gerações da família contra as tentações da ruína moral e da solidão autodestrutiva. A ausência da matriarca precipita o colapso infraestrutural definitivo da casa dos Buendía: o mato e as formigas invadem os cômodos, as paredes desmoronam sob a umidade e a solidão consome os últimos remanescentes da estirpe, culminando no terrível furacão que apaga Macondo do mapa da terra.

A ruína de Macondo representa a consequência material última descrita por Fraser: nenhuma formação social é capaz de subsistir a longo prazo se descuidar de forma contínua as bases humanas e ecológicas que sustentam sua própria reprodução (Fraser, 2023). Na realidade contemporânea do Brasil e da América Latina, a crise do cuidado não se manifesta por meio de ventos apocalípticos literários, mas sim na sobrecarga invisível de milhões de mulheres que atuam como amortecedoras privadas do desmonte dos direitos sociais. As mães, as donas de casa, as trabalhadoras domésticas informais e as profissionais de saúde realizam jornadas de trabalho extenuantes para suprir a ausência de creches públicas, hospitais equipados e centros de acolhimento para idosos, operando sob uma constante ameaça de esgotamento psíquico e adoecimento físico.

A leitura de *Cem anos de solidão* permite pensar como o cuidado, frequentemente tratado como obrigação feminina, sustenta relações econômicas e familiares que raramente reconhecem essas tarefas como cuidado. Permite, pois, entender como o capitalismo atribui às mulheres o bem-estar social por meio do trabalho de cuidado não remunerado, o que acaba por reforçar uma lógica de dominação, que confina as mulheres em uma rotina de sacrifício contínuo e as impede de alcançar o desenvolvimento político, intelectual e existencial.

CONCLUSÃO

A investigação interdisciplinar das conexões entre a narrativa de *Cem Anos de Solidão*, o direito e a sociologia do trabalho demonstram que a personagem de Úrsula Iguarán transcende a dimensão de mero arquétipo do realismo mágico de Gabriel García Márquez. A matriarca de Macondo constitui um modelo representativo da arquitetura do cuidado que sustenta

materialmente a formação histórica das famílias latino-americanas e brasileiras. Por meio do exame de sua trajetória de resiliência ininterrupta, desvela-se que a sobrevivência das comunidades frente às violências econômicas, políticas e conflitos armados depende vitalmente de um trabalho reprodutivo invisível, não pago e historicamente naturalizado sob os discursos do afeto e do dever familiar.

O diálogo crítico com as formulações de Helena Hirata, Silvia Federici, Heleieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Nancy Fraser, Carolina Maria de Jesus e Rita Segato revela que esse tear invisível da reprodução social não constitui um mero anacronismo pré-capitalista, mas sim um pilar indispensável para o processo contínuo de acumulação e exploração do capital em nível internacional. A divisão sexual do trabalho, ao cindir de maneira assimétrica e hierárquica as esferas produtiva e reprodutiva, impõe às mulheres uma dupla opressão que atua de forma consubstancial às clivagens de raça e classe. Seja na mítica casa dos Buendía com o pequeno negócio de doces de caramelo, seja nas condições descritas nos diários de Carolina Maria de Jesus, o trabalho do cuidar é atravessado por fraturas coloniais, de gênero, raça e classe gritantes.

A crise contemporânea da reprodução social, acelerada pelo desmonte dos serviços de bem-estar promovido pelo capitalismo financeirizado evidencia a fragilidade desse modelo. No romance analisado, a morte de Úrsula coincide com a deterioração definitiva da casa dos Buendía. Essa associação sugere que o cuidado, embora invisível, era o que mantinha a família minimamente estável. O destino final de Macondo - devorada pelas forças do vento e do esquecimento após o falecimento e o esgotamento físico de sua principal cuidadora funciona como uma contundente advertência para as sociedades do Sul global. Nenhuma comunidade ou nação pode projetar horizontes de justiça social, soberania e equidade sem proceder a uma profunda e radical reorganização de sua arquitetura do cuidado, desvencilhando o labor reprodutivo de suas amarras coloniais e de gênero e inscrevendo-o no centro das discussões sobre os direitos humanos e a dignidade material da vida coletiva⁴.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Souza Patrônio. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

⁴ Nota explicativa: Durante a elaboração deste trabalho, a ferramenta de Inteligência Artificial ChatGPT Pro foi utilizada exclusivamente para revisar a gramática, a ortografia, a fluidez do texto e a organização argumentativa. Após as sugestões da ferramenta, as autoras revisaram, editaram e validaram todo o conteúdo, assumindo total responsabilidade pelo resultado final. As autoras afirmam que o conteúdo desta pesquisa não foi gerado por inteligência artificial.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 mar. 2026.

BRASIL. IBGE. **Mulheres pretas ou pardas gastam mais tempo em tarefas domésticas, participam menos do mercado de trabalho e são mais afetadas pela pobreza**. Agência IBGE, 08/03/2024. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/39358-mulheres-pretas-ou-pardas-gastam-mais-tempo-em-tarefas-domesticas-participam-menos-do-mercado-de-trabalho-e-sao-mais-afetadas-pela-pobreza>. Acesso em: 13 maio 2026.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. Tradução do Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2019.

FRASER, Nancy. Contradições sociais do capitalismo e reprodução social. In: BHATTACHARYA, Tithi (org.). **Teoria da reprodução social: reconectando classe, gênero e luta no capitalismo contemporâneo**. Tradução de Eliel Benites. São Paulo: Elefante, 2023.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2025.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, ANPOCS, p. 223-244, 1984.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, dez. 2007.

_____. **O cuidado**. Teorias e práticas. 1. ed. São Paulo: Boitempo. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2020.

MELO, Hildete Pereira de; THOMÉ, Débora. **Mulheres e poder**: histórias, ideias e indicadores. Rio de Janeiro: FGV, 2018. Ebook.

PEREIRA, MICA. EuFemea plataforma informativa. Maceió/AL, 17/03/2025. Disponível em: <https://www.eufemea.com/2025/03/mulheres-relatam-dificuldades-para-manter-hobbies-em-meio-a-rotina/>. Acesso em: 17 maio 2026.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SEGATO, Rita. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

SEGATO, Rita. “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura de um vocabulário estratégico descolonial”. In: E – Cadernos CES. Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical, 2012. Disponível em: <https://eces.revues.org/1533>. Acesso em: 16. maio 2026.